

O PERÍODO DA GLOBALIZAÇÃO E SUAS MODERNIZAÇÕES NA REGIÃO DO SERIDÓ (BRASIL): ALGUMAS APROXIMAÇÕES¹

Santiago Andrade Vasconcelos²

Resumo

Almejando aclarar a nebulosa realidade empírica vivida no período da globalização, objetivamos, a partir da região do Seridó (Brasil), entender dialeticamente como o período da globalização está presente nesta região, bem como entender a região e sua funcionalização frente às modernidades trazidas pelo período. Visando alcançar os objetivos, utilizamos como estratégia metodológica, confrontar variadas referências que tratam do período da globalização com os dados empíricos oriundos da região do Seridó. Além de buscar informações diretamente no campo, optamos também por realizar pesquisas em outras fontes bibliográficas e banco de dados que tratam especificamente da realidade regional. O estudo empírico da região do Seridó propiciou elencar algumas contribuições geográficas de como melhor entender o período atual e suas manifestações em “regiões letárgicas”, em que temos como realidade territorial, “velhas” formas-conteúdos convivendo com as novas, graças à vasta gama de possibilidades produtivas e, sobretudo, da circulação de insumos, produtos e dinheiro, de idéias e informações, das ordens e dos homens. Com a nova reorganização dada pelo período atual, regiões letárgicas como o Seridó, mesmo que não estejam na rota prioritária de investimentos produtivos das grandes firmas globais, inserem-se no período, mesmo que marginalmente, sobretudo via vários tipos de consumo.

Palavras-chave: Globalização; Modernizações; Região.

Introdução

Cada período da história merece ser estudado de maneira contextualizada, levando em conta seus imperativos, pois são eles os reveladores das lógicas e sentidos que caracterizam cada nova etapa da totalidade em seu processo de totalização. Uma das possibilidades de compreensão do período, no âmbito da geografia, é entender as modernidades no uso do território, ou seja, o que é novo no espaço e sua relação com o que já existia.

¹ Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Alcindo José de Sá – PPGeo/UFPE

² Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Brasil, santiagovasconcelos@yahoo.com.br

Partindo da evidência de que o período da globalização impacta articuladamente todo ecúmeno, é necessário também entender a presença do período nas regiões que estão à margem dos centros de modernidades, afinal elas também fazem parte do todo e são funcionalizações do mundo. Vale lembrar que a região está no todo e o todo está na região.

Entender a dinâmica geográfica vivida por uma região ou lugar é entender a “funcionalização do mundo”, visto que, para Santos (2002), a região e o lugar, definem-se, como funcionalização do mundo e é por eles que o mundo é percebido empiricamente. Assim, na região ocorre constantemente acontecimentos (eventos), estes que são a efetivação da cristalização de momentos da totalidade em processo de totalização, isto é, do movimento da totalidade se distribuindo nas regiões e/ou lugares, através, principalmente, da divisão do trabalho e na forma de eventos. Portanto, nosso desafio aqui é entender dialeticamente, sob o prisma geográfico, a funcionalização da região no período atual, bem como entender o período a partir da região. Seguindo esses passos, acreditamos ser possível identificar coexistências e sucessões das modernidades nas regiões, já que cada modernidade tem características próprias de acordo com a época de sua geografização. Além do mais, as modernidades que chegam aos territórios se confrontam com a realidade geográfica ou sociogeográfica já existente. Contudo, como recorte para verificar empiricamente essa dialética, optamos por estudar a região do Seridó paraibano³ e potiguar⁴, ou seja, uma região que define seus contornos no meio norte da Paraíba e no meio sul do Rio Grande do Norte, ambos Estados federados do Brasil.

Os desafios aqui encarados têm suas problematizações subjacentes à nebulosa realidade empírica vivida na dialética do período da globalização, que se caracteriza por um frenesi constante de eventos que tocam as regiões e em ato contínuo provoca reações destas frente ao período. Por isso, almejamos, a partir da região do Seridó paraibano e potiguar, entender de forma coerente e próxima da realidade, como o período da globalização está presente na região, bem como entender a região e suas funcionalizações frente às modernidades trazidas pelo período⁵.

³ Gentílico do Estado da Paraíba, Brasil.

⁴ Gentílico do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil.

⁵ De acordo com Silveira (1999, p. 22), as modernidades no território são arranjos de “objetos e ações cuja variável-chave muda de um período para outro”.

Visando alcançar os objetivos, utilizou-se como estratégia metodológica, confrontar variadas referências que tratam do período da globalização e suas modernizações inerentes com os dados empíricos oriundos da região do Seridó. Além de buscar informações diretamente no campo, optou-se também por realizar pesquisa em outras fontes bibliográficas e banco de dados que tratam especificamente da realidade regional. A apresentação dos resultados, diante das limitações deste trabalho, privilegia o qualitativo por acreditarmos que as descrições, análises e relatos explicativos são mais inteligíveis que conjuntos numéricos. Os resultados limitam-se a apresentar alguns exemplos da trama, aqueles que, no momento, parece-nos mais conveniente e de relevo.

As Regiões no Período da Globalização

Um das características do período atual (quicá a desencadeadora das demais) é a profunda crise estrutural do capitalismo, implicando em graus diversos de conseqüências nas diferentes regiões do Planeta, mas não deixando nenhuma de fora, devido à crise ser sistêmica e global. Para Mézáros (2007, p. 55, grifos do autor), “vivemos uma época de crise histórica sem precedentes, cuja severidade pode ser dimensionada pelo fato de que não estamos enfrentando uma crise cíclica mais ou menos ampla do **capitalismo**, tal como experimentamos no passado, mas a crise estrutural cada vez mais profunda do próprio **sistema do capital**”. Essa crise é diferente das outras, pois, pela primeira vez na história afeta praticamente a totalidade da humanidade. Estamos vivendo, ao mesmo tempo, um período e uma crise global (MÉSZÁROS, 2007, p. 55; SANTOS, 2001, pp. 33-36).

O período-crise atual conseguiu abrangência e difusão tão rápida graças a concreção resultante dos avanços e do grau de interdependência atingindo pela ciência e pela técnica que tornou o mundo um só sistema, o “sistema-mundo”, ou seja, a fase histórica atual entendida como globalização. Segundo Milton Santos, o tempo atual é diferente das fases anteriores, pois o “*Mundo está marcado por novos signos*”, quais sejam:

Multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenômeno do crédito, que reforça as características da economização da vida social; os novos papéis do Estado em uma sociedade e uma economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator

essencial da acumulação; a grande revolução da informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática (SANTOS, 2008, p. 117).

Porém, esses novos “signos” da atualidade e a afirmação do período, só foram possíveis com a concretude de um novo meio geográfico, o meio técnico-científico-informacional, “cara geográfica da globalização” (SANTOS, 2002, p. 239). Vivemos a época da integração planetária, com a unicidade da técnica, do tempo e da mais-valia, além do conhecimento extensivo e profundo do planeta já ser uma realidade (SANTOS, 2001, pp. 23-32).

Com a concreção do novo meio geográfico e os avanços da ciência e da técnica ocorre uma maior fugacidade dos eventos na escala do mundo, resultando em impactos seletivos e em graus diversos nos lugares. Com isso, as modernizações do período se difundem na escala planetária, resultando em modernidades territoriais de densidades variadas nas regiões, sendo esse um indicativo do grau de integração na globalização. Como resultados territoriais das variações de densidades dos imperativos da modernidade, teríamos, nas palavras de Silveira (1999), um arranjo de *geografia luminosa e geografia letárgica*. Assim, podemos identificar esses arranjos geográficos expressos em regiões. As regiões com maior densidade da modernidade podem ser conhecidas como “luminosas” e “dinâmicas”, já as de menor densidade ou rarefeitas são as “opacas” e “letárgicas”, cabendo entre elas intermediações variadas. As luminosas são aquelas com maior densidade de imperativos modernos relacionados ao conteúdo técnico, científico, informacional e normativo. Esse tipo regional são os “espaços da globalização”, recortes territoriais privilegiados pelo mercado e quase sempre pelo Estado; já as letárgicas e opacas seriam seu oposto, porém não fugindo ao processo geral do período que chega a todos os recantos regionais. Esses dois tipos de manifestação geográfica coexistem espalhados com arranjos particulares de acordo com cada recorte escalar adotado. Nas palavras de Santos (2008, p. 101) “os espaços comandados pelo meio técnico-científico são os espaços do mandar, os outros são os espaços do obedecer”.

No Brasil essa cartografia de luminosidades e opacidades⁶ é bastante clarividente, expressando as desigualdades socioespaciais características do país. Há um

⁶ Ver SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

mosaico de regiões com densidades diversas dos aportes das modernizações do período, mas o processo abrange todo território nacional sem deixar nenhuma região à margem, o que é facilitado pela integração material e imaterial interna do país e deste com o mundo. Esse mosaico regional articulado e integrado funcionaliza-se a partir de tramas particulares horizontais ligadas as tessituras verticais, numa dialética de fixos e fluxos. Assim, temos a “dialética do território”, uma vez que, segundo Silveira (1999, p. 428), ela se constitui a partir do confronto e da síntese entre verticalidades e horizontalidades.

Partindo da evidência de que o período da globalização impacta articuladamente todo ecúmeno, é necessário também entender a presença do período nas regiões que estão à margem dos centros de modernidades, afinal elas também fazem parte do todo e são funcionalizações do mundo.

Entender a complexidade do fenômeno regional num período de “tempos rápidos”, de mudanças permanentes, repentinas e da interligação reticular do Planeta, com a efetivação de variados tipos de fluxos, não é tarefa fácil, pois requer habilidade em compreender dialeticamente a região inserida no todo e, da mesma maneira, compreender o todo na região.

Uma das possíveis estratégias metodológicas que tanto abarca o interno regional quanto o externo é, o recorte das horizontalidades e das verticalidades. As horizontalidades nos revela o acontecer solidário, o uso propriamente dito do território, a produção, os capitais fixos, o trabalho, o trabalhador e as técnicas, a organização, os arranjos e rearranjos das relações de produção interna, a complacência, a revolta etc. Enfim, mostra a vida em todas as suas dimensões circunscritas a região, da mesma maneira que mostra a empiricização do tempo enquanto eventos reais e geograficamente materializados, garantindo continuidade transformadora e funcionalidade ao mutante arcabouço regional. Mas as horizontalidades não se dão independentes ou isoladas do mundo, mas com o mundo. Daí porque incluir as verticalidades, já que estas são as responsáveis pela ligação seletiva do acontecer regional com os outros acontecimentos do mundo. São as verticalidades que nos propicia percebermos a parcela da vida regional que são ditadas e produzidas à distância. Elas permitem revelar os artifícios usados para que interesses longínquos sejam atendidos no plano horizontal da região, como também, evidencia como os eventos atingem seletivamente a mesma, frente a um cenário de divisão internacional do trabalho assentada em territórios distintos. Em suma, a coexistência de horizontalidades e verticalidades resulta na dinâmica das regiões, dos

lugares e do mundo. Aliás, o mundo só se faz concretude, objetivamente nas regiões e nos lugares (VASCONCELOS & SÁ, 2007, 131-132).

A Região do Seridó

A região do Seridó é um recorte territorial formado por quatro microrregiões⁷ dos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba. O Seridó aqui adotado é o das microrregiões do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, formado pelas microrregiões do Seridó Oriental Paraibano, Seridó Ocidental Paraibano, Seridó Ocidental (RN) e Seridó Oriental (RN).

O Seridó é uma região de povoamento europeizado antigo, sua gênese está ancorada nos requisitos da divisão territorial do trabalho interna da Região Nordeste do Brasil, quando da necessidade de separar a criação bovina do cultivo de cana-de-açúcar além, obviamente, de questões relacionadas à conquista de territórios interioranos. Em sua gênese de formação e funcionalização, ao Seridó coube principalmente o desenvolvimento da pecuária extensiva que abastecia a zona da mata destinada ao cultivo do canavial e a economia do açúcar que respondia aos reclames da divisão internacional do trabalho comandada a partir da Europa. A região só engata diretamente na divisão internacional do trabalho posteriormente com a produção de algodão, necessária ao abastecimento da expansiva indústria têxtil européia (MACÊDO, 2000).

A agricultura de subsistência, visando suprir as demandas alimentares mais imediatas da população regional foi outra marca do início da formação regional. Assim, a pecuária, a cotonicultura e a agricultura de subsistência formaram às bases econômicas que impulsionaram às primeiras ações europeizadas, criando as primeiras próteses do meio técnico no Seridó, esboçando a forma e o conteúdo da região que estava em processo de consolidação.

Somada à agropecuária, a mineração posteriormente crava uma forte marca na história do uso do território regional. As primeiras atividades mineiras na região ocorreram a partir da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), tendo sua consolidação e apogeu no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

De forma similar a agropecuária, a mineração consegue chegar aos dias atuais como um dos importantes pilares de sustentação da economia regional do Seridó,

⁷ Segundo divisão regional do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE

O período da globalização e suas modernizações na região do seridó (Brasil): algumas aproximações.

Santiago Andrade Vasconcelos

esboçando traços pontuais de modernidades, coexistindo com heranças expressivas que marcam a identidade regional.

Ao longo da história regional do Seridó foram feitos acréscimos técnicos em seu território, acompanhando as demandas urgentes da economia como também as tendências sucessivas do país. Entretanto, em geral, essa região ficou atrasada em relação às modernizações que iam sendo incorporadas em partes mais dinâmicas do território nacional. Esse recebimento tardio ou pontual das modernizações é uma característica regional que perdura até hoje quando considerado seu conjunto regional.

Como o Seridó é uma região de formação antiga, suas rugosidades incidem fortemente no conteúdo regional atual. Essas rugosidades são representadas nas formas geográficas e nas relações sociais próprias da região. São heranças culturais e sociogeográfica que perpassam o tempo e vão de encontro ao novo que si anuncia. Essas heranças devem ser levadas em conta quando quer se estudar o novo período em afirmação, pois elas exercem efeitos coercitivos e resistência ao que é novo. Daí encontrarmos na região, coexistências e sucessões, o velho e o novo, formando as possibilidades técnicas-organizacionais para o uso do território regional e sua inserção na divisão territorial do trabalho.

O Seridó vivenciou nas décadas de 1980/1990 uma crise regional que marcou notoriamente a transição para o período da globalização. Essa crise regional não é simplesmente o rebatimento da crise pela qual o país passava, mas tem haver com a própria crise do capitalismo marcada pela reestruturação produtiva mundial. Nesse contexto, o Seridó não foi capaz de se adequar as novas exigências produtivas com base nos novos padrões técnico-científicos da acumulação flexível. A base produtiva regional conseguiu se manter, mesmo que defasada em relação as áreas mais modernas do país até aproximadamente a década de 1980, momento em que um dos principais sustentáculos da economia regional – a produção algodoeira –, não acompanha as exigências da reestruturação produtiva e entra em decadência⁸. O quase desaparecimento da cultura algodoeira do Seridó impactou também a pecuária já que o restolho da malvácea era aproveitado como ração para os rebanhos. Se não bastasse, a mineração, a partir de meados de 1980 também passa por mais uma de suas crises cíclicas. O saldo desse ambiente foi à instalação da crise regional que marca a transição

⁸ Idéia defendida por Paulo Sérgio Cunha Farias em sua tese de doutoramento defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE.

do século XX ao XXI. Com a crise, na cartografia nacional das regiões dinâmicas e luminosas a região torna-se ainda mais periférica e opaca.

É no ambiente de crise que a região do Seridó começa a receber de forma mais incisiva os imperativos do período da globalização, colocando novos desafios que resultaram em transformações iniciais na forma-conteúdo do novo arcabouço regional que se rearranja diante da crise/período.

Os novos conteúdos do Seridó: algumas notas

Mesmo ainda não tendo finalizado a pesquisa empírica, já é possível revelarmos alguns resultados preliminares, embora que ainda carecendo ser melhor sistematizado para chegar-se a conclusões mais acabadas. Entretanto já é possível trazermos alguns resultados e discussões preliminares.

Em regiões onde o período atual apresenta pouca densidade no que se refere aos objetos técnicos, ele está mais presente imaterialmente. É a psicoesfera da modernidade que impõe novos conteúdos do período aos lugares, transformando o modo de pensar e agir das pessoas, firmas e instituições, tanto no meio urbano quanto no rural. Com a implementação do sistema técnico-informacional que possibilitou o alastramento dos meios de comunicação por todo o território brasileiro, o conteúdo ideológico da globalização neoliberal despótica conseguiu chegar aos mais ermos dos lugares, desestruturando organizações pré-existentes dos arcabouços regionais.

Na presente pesquisa já constatamos que houve várias transformações nas práticas e no arcabouço regional, principalmente a partir da década de 1970, porém sendo mais acentuada notoriamente nos anos da década de 1990 e seguintes.

Vale destacar que gradativamente a região do Seridó se integra ao país (e ao mundo) através dos sistemas de engenharia de fluxos material e imaterial que passam a ter presença em seu território, facilitando assim, o engate no período da globalização e, por conseguinte, propiciando a difusão das suas modernizações.

A partir dos anos de 1970, fruto das crises econômicas, mas, sobretudo, das modernizações próprias do período da globalização, verifica-se que na região do Seridó (e no Brasil) houve uma migração considerável do campo para a cidade, demonstrando um alinhamento da região (e do país) com as modernizações em difusão, portadoras do “novo”. Mesmo tendo ciência que a região do Seridó não acolheu no tempo do país os

eventos difundidos pelas modernizações, essa região não deixou de receber gradativamente os aportes e as mudanças advindas do período. Assim, o Brasil e a região do Seridó reorganizaram seu espaço, rearranjando as relações entre o campo e a cidade. Em síntese, assiste-se ao espraiamento da urbanização sobre o território, dotando a cidade de maior densidade demográfica, comando e importância em relação ao campo.

As mudanças processadas na forma-conteúdo regional têm expressão na base econômica sustentada principalmente pela tríade gado-algodão-mineração que entra em crise. O agravamento da crise na base econômica regional fez com que a região se reorganizasse, alinhando-se à economia e ao modo de vida urbano. Neste sentido, Morais (2005, p. 277) atesta que “o setor primário abalado pelas crises não conseguiu recuperar a outrora dinamicidade apresentada e que o setor industrial, mesmo tendo crescido, mostrou-se tímido, foi com base no terciário que a economia regional se reestruturou, imprimindo às cidades a função de centros prestadores de serviços”. Em conformidade ainda com Morais (2005, pp. 177-179), em suma, no contexto das mudanças verificadas na região tem-se a alteração do seu perfil sócio-econômico que passa de agrário/rural para terciário/urbano.

De certo, o modo de vida urbano da modernidade, enquanto psicosfera, permeou a “cabeça” do homem do Seridó, ocasionando fortes conseqüências para a região. Entre os efeitos verificados na região, um dos mais significativos pode ser percebido via geografia do consumo regional. A título de exemplo, do ponto de vista alimentar, os seridoenses tinham em culturas tradicionais (feijão, milho, batata, mandioca, etc.) produzidas na própria região sua base de sustentação alimentar. Porém, com o advento das transformações regionais recentes, uma nova geografia do consumo perfila a região, abrindo espaço para necessidades de consumo que não condiz com as tradições regionais/locais, mas que atendem aos interesses hegemônicos próprios da globalização, com suas grandes redes de firmas globais. Assim, ocorre uma crescente conversão de valores de uso em valores de troca, ou seja, aqueles produtos alimentares cultivados localmente e que antes eram armazenados para serem consumidos ao longo do ano, agora, logo após a colheita são comercializados a fim de adquirir dinheiro para inserir-se no “fascínio do consumo”, do consumo globalizado, abrindo espaço para demanda de produtos alienígenas a região.

É notório que no limiar do presente século, o urbano se sobressai em relação ao campo, os serviços se alargam e cidades como Caicó – RN e Curras Novos – RN assumem cada vez mais importância regional no Seridó. Secundariamente Picuí – PB e Juazeirinho – PB também vêm exercendo esse papel. São cidades que oferecem serviços mais diversificados e especializados referentes à educação, saúde, informática, mecânica, comercial etc. Enquanto isso, o campo torna-se cada vez mais desabitado, perdendo a primazia econômica de outrora.

Embora a expansão do terciário seja notória, o setor secundário também vem traçando seu caminho com indústrias alimentícias, de confecções, cerâmicas etc. A mineração que antes praticamente se restringia a extração garimpeira, agora, mesmo que lentamente, começa a receber indústrias de beneficiamento e técnicas mais aprimoradas de extração, tendo também a pauta produtiva ampliada, caracterizando-se ainda como atividade importante para alguns municípios da região e para economia regional.

A financeirização, outro imperativo da globalização perversa, também já reina no Seridó, ela está presente, direta ou indiretamente, na vida dos seridoenses, principalmente através do crédito, resultando num dreno via juros e lucros da pouca renda regional para os centros hegemônicos. A cada dia cresce assustadoramente negócios relacionados às finanças em todos os municípios da região. São vários estabelecimentos que oferecem financiamentos, empréstimos e venda com cartão de crédito e crediários. As finanças ilustram bem a integração (marginal) da região do Seridó no sistema financeiro internacional e obviamente no período da globalização. Como bem afirma Silveira (2005, p. 165), “ao contrário da produção, que é seletiva nas escolhas dos lugares, a finança se interessa, direta ou indiretamente, pela totalidade do território vivente”.

Essas novas práticas configuram-se como verticalidades que recortam a região e impactam nas horizontalidades, desestabilizando as solidariedades prévias, o modo de vida da população que dava coesão ao conjunto de traços que delineavam a região.

A presença da psicoesfera da modernidade, não só nas cidades da região mais também no campo, tem muito haver com o próprio processo de difusão dos meios de comunicação de massa no Brasil que foram disseminados principalmente a partir da década de 1970. Foi por meio principalmente do rádio e das redes nacional de TV que os mais recônditos lugares do território nacional foram embriagados pelo modo de vida

urbano, com seus novos valores, idéias e demandas típicas dos grandes centros urbanos e da sociedade de consumo fugaz, típica do período atual.

No período atual, “o território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, em virtude das enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação de insumos, produtos e dinheiro, de idéias e informações, das ordens e dos homens” (SILVEIRA, 2005, p.156). Assim, nesse contexto, a região do Seridó não se esquivava do período da globalização, mas participa mesmo que com pouca densidade dos seus aportes.

No contexto de transformações em curso, devido ao processo gradual de afirmação do período em seu alastramento territorial, regiões marginais da dinâmica econômica também sofrem mudanças, devido todas as frações territoriais terem alguma importância na guerra da competitividade mercadológica a serviço do motor único da mais-valia globalizada⁹. Nesse caso, as questões relacionadas ao mercado são as principais motivações que dão energia a difusão do período atual. Por esses motivos, a região do Seridó não fica fora dos acontecimentos do período. Ela enfrenta internamente o conflito entre o novo e o velho, resultando em transformações e permanências em virtude do encontro entre a força imposta pelo período e o da força interna construída historicamente, formando uma relativa resistência regional.

Considerações Finais

Mesmo sendo uma “região letárgica” em relação às regiões mais “ativas” na cartografia do país, o Seridó não escapa da cobiça, direta e indiretamente, das grandes firmas nacionais e globais, pois as mesmas não excluem a região de suas lógicas e intencionalidades. A inserção do Seridó no período atual não ocorre destacadamente como lugar de produção propriamente dita, mas sim como lugar de consumo de produtos (principalmente os consumptivos) e serviços. Os produtos e serviços que chegam à região são engendrados via informações produzidas sob a batuta do marketing e transmitidas através, principalmente, das redes televisivas e radiofônicas que se encarregam de fazer chegar à região as necessidades de consumo globais, provocando alterações nos padrões de consumo local, abrindo espaço assim para os produtos das grandes firmas nacionais e multinacionais.

⁹ Ver Santos (2001), “*Por uma outra globalização*”... Conforme referência.

Em virtude da dialética do período da globalização na região do Seridó e desta diante do período, podemos delinear, provisoriamente, como realidade territorial, novos conteúdos e comportamentos, graças à vasta gama de possibilidades produtivas e, sobretudo, da circulação de insumos, produtos e dinheiro, de idéias e informações, das ordens e dos homens. Com essa nova formatação dada pelo período atual, regiões letárgicas como o Seridó, mesmo que não esteja na rota prioritária de investimentos produtivos das grandes firmas globais, insere-se no período, mesmo que marginalmente, sobretudo via consumo de produtos oriundos destas grandes firmas globais. Portanto, nesse contexto, a região do Seridó não se esquivava do período da globalização, mas participa dele mesmo que com pouca densidade dos seus aportes, principalmente materiais, ou seja, relativos a tecnosfera. Porém, a psicosfera relativa as modernizações características do período atual, mostram-se cada vez mais presentes, adensando seu conteúdo na região.

Vale alertar que a adesão cega a ideologia da modernidade da globalização econômica pode condenar a região do Seridó, nessa transição de século, para realidades não desejadas, pois como alerta a socióloga Ana Clara Torres Ribeiro, os ajustes do espaço herdado às novas condições gerais da produção, juntamente com a adesão ideológica ao mercado, geram estruturas espaciais que impedem conquistas sociais. O resultado do engate cego na racionalidade dominante desse período torna a região alienada, em detrimento da população seridoense, que cada vez mais pode perder a capacidade de decidir seus próprios rumos. Esse é um alerta pertinente a ser pensado, afinal, modernidade não é sinônimo de desenvolvimento humano, de bem-estar, de melhorias sociais etc., coisas que a região carece.

Embora a pesquisa em curso não esteja concluída, já é possível entrever que o período da globalização está impactando significativamente o Seridó, materialidades e ações típicas dessa modernidade tornam-se cada vez mais realidade no território seridoense, reconfigurando seu arcabouço regional e transformando seu meio geográfico. Relações sociais estão passando por transformações rápidas, o modo de vida urbano se espalha cada vez mais, novos hábitos e costumes estão surgindo, um novo perfil de consumo começa sua efetivação, revelando que a psicosfera da modernidade é presença marcante na região, passando gradativamente a fazer parte do conteúdo regional.

Referências

- MACÊDO, Muirakytan K. de. História e espaço seridoense entre os séculos XVII e XIX. In: **MNEME – Revista de Humanidades**, UFRN-CERES, Campus de Caicó. Caicó, Vol. 1, nº 1, ago/set. 2000. Disponível em: <www.seol.com.br/mneme/>. Acesso em: 17/05/2007.
- MÉSZÁROS, István. **O Desafio e o Fardo do Tempo Histórico**. Tradução de Ana Cotrim e Vera Cotrim. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MORAIS, Ione R. Diniz. As Relações Campo-Cidade no Sertão do Seridó. in: SILVA, José Borzacchiello da; *et.al.* (orgs.). **Litoral e Sertão, Natureza e Sociedade no Nordeste Brasileiro**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006. pp. 83-93.
- _____. Seridó Norte-riograndense: uma geografia da resistência. Caicó-RN: Ed. do Autor, 2005.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Outros territórios, outros mapas. In: **OSAL: Observatorio Social de América Latina**. Ano 6, nº 16, jun. 2005. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp. 263-272. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16TRibeiro.pdf>>. Acesso em: 21/03/2009.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. 7ª Edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp. 2002 (coleção Milton Santos; 1).
- _____. & SILVEIRA, Maria Laura. **Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- _____. **Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. 5ª ed. São Paulo: Edusp, 2008. (Coleção Milton Santos, 11).
- SILVEIRA, Maria Laura. **Um País, Uma Região: fim de século e modernidades na Argentina**. São Paulo: FAPESP/LABPPLAN-USP, 1999.
- _____. Por que há tantas desigualdades sociais no Brasil? In: ALBUQUERQUE, Edu Silvestre de. (org.). **Que País é Esse? Pensando o Brasil contemporâneo**. São Paulo: Globo, 2005. pp. 141-178.
- VASCONCELOS, Santiago Andrade; SÁ, Alcindo José de. O Período da Globalização e a Reafirmação das Regiões. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE/DCG-NAPA, v. 24, nº 3, set/dez, 2007. pp. 117-138.